

# **Véu de ignorância. fim do Véu. fim**

## **do Processo**

Há um nome muito conhecido na minha cidade que se dá a um peixe. Supostamente esse peixe “era” um peixe do rio e só “existia” na minha cidade... Ou seja, “era” um peixe típico da minha cidade... Foi isto que me ensinaram. Muitos amigos e colegas meus também pensam que o peixe é “nosso” e que só existe na nossa região. É o chamado “véu de ignorância”. Nascemos com um véu de ignorância. Muitos, como eu, falam do peixe sem nunca o terem visto. Foi preciso o tio Vasco ter entrado no filme da Ilha dos Piratas para dar outro nome aos peixes que nadam tranquilamente no meio da floresta de algas da Praia dos Camaleões, para eu saber que o tal peixe afinal tem pelo menos 3 nomes e que não existe só no rio. (...)

Há um rio que corta a minha cidade. Não nasci com vista-mar. Nasci com vista-rio. Mas da vista-rio consegui ter sempre sobreposta uma vista-mar. Subi aos cumes na minha realidade aumentada e vi uma história que a vista-rio contava que já tinha sido uma vista-mar e que queria voltar a ser uma vista-mar. Era uma vista-rio que me contava que já tinha sido muito navegada por barcos que se debruçavam até ao mar. Mas eu não vi barcos nenhuns. Sabia lá se era verdade ou se era mentira. (...)

Foi com a juventude monárquica que supostamente comi primeiro o tal peixe “do rio”. Foi um almoço às ocultas. O presidente enviou o almoço num grupo secreto. No grupo, incluindo o presidente, éramos só 7 membros convidados. Tivemos de saber respeitar este número. Porque mesmo os 3 que faltaram ao almoço tiveram de guardar segredo sobre o almoço. O presidente foi meu padrinho na Faculdade de Direito da universidade privada e o vice-presidente foi meu padrinho na Faculdade de Direito da universidade pública. Nesta parte do processo não posso falar dos vogais que estavam no almoço. Eu era o secretário-geral. (...) Tem piada ter entrado na Legião como secretário-geral. (...) A Legião quer que eu seja o secretário-geral. Só os secretários-gerais ou os tesoureiros é que podem ocupar uma posição no Tribunal. Só quem é de Direito é que pode ser tesoureiro ou secretário-geral. As legiões querem que eu seja presidente do Tribunal Maçónico das 7 Legiões. Há uma incompatibilidade que eu próprio criei na Jupiter Editions para me defender. Sinto-me por isso um instrumento maçónico. Sinto-me usado. Senti-me usado e por isso criei a seguinte incompatibilidade: quem preside o Tribunal dos Concursos e Leilões não pode presidir em tribunais maçónicos secretos (invisíveis à fé pública humana). Acho que as legiões não gostaram do meu jogo. Estão a fazer pressão no Tribunal dos Concursos e Leilões e na Assembleia Geral da Jupiter Editions. As legiões querem afastar-me do Tribunal dos Concursos e Leilões. Sei que a Jupiter Editions não vai ceder. E eu, também não vou retirar a incompatibilidade enquanto for presidente do Tribunal dos Concursos e Leilões. É o meu jogo. Foi um trunfo que eu quis lançar em cima da mesa. É o meu trunfo que está em cima da mesa dos *Illuminnatti Games*.

(...) O Filho do Engenheiro também estava sentado connosco cavaleiramente na mesa da juventude monárquica. (...) Saiu-me a carta do Filho do Engenheiro nos *Illuminnatti Games*. (...) O Filho do Engenheiro é o falso cristão monárquico que critica a Maçonaria. É ateu e monárquico. Eu percebo a crítica, porque a Maçonaria “Pública” deixa de fora os ateus e os cientistas oculistas(...)

(...) Queriam que eu fosse para a cama com o Filho do Engenheiro (...) Queriam que eu fosse para a cama com os monges (...) Queriam-me ver na cama com o Filho do Engenheiro a comer os monges (...) Soube do plano pela boca maçónica do vice-presidente no desvio da boleia até ao almoço (...) Contou-me num segredo maçónico debaixo da figueira que escondeu os “primeiros” beijos maçónicos que sabiam a mel (...)

Lembro-me que fui eu que na universidade privada fui pedir o apadrinhamento ao presidente da juventude monárquica, antes de ter entrado para a juventude monárquica e antes do presidente ser presidente na juventude monárquica. Sem eu saber, fui pedir o apadrinhamento ao capitão da equipa de rugby da faculdade e ao presidente da Associação de Estudantes. Pedi-lhe, porque tinha um fraquinho por ele. Eu gostava dele. Para conseguir o seu “apadrinhamento” tive de ser árbitro num jogo de rugby que deu entre a Faculdade de Direito da Universidade Privada e a Faculdade de Direito da Universidade Pública. Foi um derby. Eu não sabia, só soube depois, mas estava a apitar os meninos que tinham jogado no Sporting quando eram putos contra os meninos que tinham jogado no Benfica. Apesar de ter dormido às ocultas nas instalações do Sporting com os meninos do Sporting nos tempos de puto em que eu ia assistir aos treinos do Afonsinho, eu não sabia que eles também tinham jogado no Sporting. Jogaram em putos como o Afonsinho. Eles sabiam que eu era gay, tinham os meus algoritmos. E eles sabiam que eles eram os meus algoritmos. Não passou de um jogo de informação. Fez parte do processo da altura tomar duche com eles com toda a conversa secreta que foi instalada nos balneários. Passei no teste deles, porque tomei banho com eles e não fiquei com tusa. Ganhei o apadrinhamento e sem eu saber ganhei um exército invisível. (...)

Saí da Escola Privada para a Escola Pública. Saí de um mundo para outro mundo. (...)

Quando eu cheguei à Escola Pública, vi “outro padrinho”. (...) Fui *às ocultas* pedir-lhe o apadrinhamento e ele *às ocultas* veio num fim de semana até à minha cidade natal apadrinhar-me. Jantámos figos nesse dia. Foi com a boca melosa a colar com o leito dos figos que nos começámos a beijar. No primeiro beijo eu achava que nos íamos casar e por isso entreguei-me. Tínhamos assaltado o caiaquezinho do Vasco Saturn para passarmos a noite a baloiçar encostados nas margens do rio. No nosso terceiro date ele foi sincero comigo e disse que não queria namorar. Mas disse que podíamos continuar a divertir-nos enquanto fôssemos solteiros. Eu não achei piada à proposta sexual e ficámos amigos. De repente, tornámo-nos grandes amigos. Não sabia que ele estava na juventude monárquica. Nunca chamámos os reis para os nossos dates. Só quando entrei na juventude monárquica de mãos dadas com o Mateus e com o Xico é que eu vi quem é que estava na juventude monárquica... Parecia que a juventude monárquica tinha hackeado o meu coração. Foi estranho. Andei em valentes cavalgadas com o Vasco Saturn e nem sabia que ele era monárquico. (...)

Na mesa do secreto almoço monárquico pedimos o tal peixe conhecido. O peixe chegou nas mãos do filho do dono do restaurante que eu conhecia e que nos garantiu que íamos comer o tal peixe que ele tinha pescado. Não nos cumprimentámos. Dormimos juntos, dentro do mesmo saco de cama, mas não nos cumprimentámos. O pescador chegou à mesa e numa certa distância piscou-me o olho, sem que a juventude monárquica conseguisse intercetar a nossa intimidade. Eu fiz silêncio. Não estava a jogar em casa. Sabia que o restaurante era uma casa de benfiquistas. O pescador agarrou no comando e disse que ia pôr o jogo a dar e saiu da mesa. O presidente inspecionou o peixe e disse arrogantemente que aquele peixe não era aquele peixe de certeza, porque sabia muito bem que era outro peixe, que tinha outro nome. E deu-lhe outro nome.

Apareceu um cigano meu conhecido, que interrompeu o nosso almoço, sem me cumprimentar dizendo que o pescador é que tinha razão e a mandar calar o presidente, porque dizia que o presidente não sabia pescar, nem percebia nada de peixes nem de pesca nenhuma. Rimo-nos todos, porque parecia que o cigano tinha ouvido a nossa conversa. Teve mesmo piada. Porque era “como se fosse impossível” o cigano saber que o presidente tinha “desmentido” o pescador. O cigano piscou-me o olho, sem a juventude monárquica “sonhar” que aquele piscar de olho encerrava um grande segredo, uma grande triangulação entre mim, o cigano e o pescador.

Uma vez, o tio Vasco “escolheu” 6 sobrinhos para irmos com ele numa secreta saída. Fomos acampar com uns amigos ciganos e com uns amigos pescadores num acampamento de ciganos dentro da nossa cidade. Foi uma das noites mais mágicas da minha vida! Saltámos à fogueira, cantámos, dançámos, contámos histórias assustadoras e numa magia criámos laços para toda a vida. Fiquei na tenda com um cigano e com o pescador. O cigano soube o que aconteceu entre mim e o pescador, mas ficou para sempre calado. Protegeu-nos. Entre primos, ficou combinado com o tio Vasco que tínhamos ido acampar a um parque de campismo fora da cidade, a uma lagoa. Não podíamos falar sobre os ciganos nem sobre os pescadores. Foi isso que ficou combinado dizermos e foi isso que tivemos de dizer. Foi giro ficar “agora” a saber, “só” com esta idade, quando fui jantar a casa da Guadalupe com o Fred, que o tio Vasco também tinha feito o mesmo maçonismo com os primos mais velhos num verão na Ilha dos Piratas com os pescadores da ilha e com os ciganos da vila. Talvez, os pescadores e os ciganos tivessem nas suas mãos a minha árvore genealógica e por isso tenham recebido com ternura o meu espírito. Talvez me tenham pegado ao colo “em criança”. Talvez eu seja uma criança protegida pelos pescadores e pelos ciganos. (...)

No final do almoço, apareceu o dono do restaurante, pai do pescador, também ele pescador, que nos perguntou se tínhamos gostado do peixe. Deu um terceiro nome ao peixe. Um dos vogais contestou e disse que o pescador e que o cigano tinham dito que o peixe tinha outro nome. Lembrou-me do dono ter dito para não acreditarmos nem no pescador nem no cigano. Lembrou-me do dono no acampamento. Eu dormi com o filho dele. Não sabia se o dono se lembrava de mim ou se sabia que tinha dormido com um dos seus filhos. (...)

Lembrei-me deste antigo secreto almoço monárquico, quando o tio Vasco disse que os peixes que nadavam connosco em abundância nas águas calmas da Praia dos Camaleões tinham 3 nomes. O nome do presidente da juventude monárquica, o nome do cigano e o nome do pai do pescador. Fiz o clique das coisas. Vi o meu cérebro na Ilha dos Piratas a viajar 666 km só para regressar ao secreto almoço e ver as coisas como não tinha visto. Às vezes, é importante sabermos viajar sem sairmos de onde estamos. Não saí da Ilha dos Piratas. Mas saí e voltei. O tio Vasco parece que me viu a sair, porque perguntou-me à beira-mar se eu me lembrava do “tal” acampamento. A tia Xica estava a boiar na água... Lembrei-me também do tio Vasco na Praia dos Bodyboarders a perguntar ao São Valentim sobre o seu pai e vi uma ligação importante que na altura ignorei, mas que vi que não podia voltar a ignorar: o tio Vasco e o pai do São Valentim fizeram juntos a mesma “engenharia” na Escola Naval.

(...)

«E lembras-te do Camané?...»

«Do Camané, tio?»

«Sim... Que tu até ficaste na tenda do filho dele... Aliás, dormiram juntos no mesmo saco-cama, porque não havia mais sacos-cama e como vocês eram os dois magrinhos, como eram os mais magrinhos, calharam ficar no mesmo saco-cama...»

«Ah!... Eu não sabia que se chamava Camané...»

«Toda a gente sabe que se chama Camané... Até os lobos-marinhos da Praia dos Bodyboarders conhecem o Camané... Tem o tal restaurante à frente do rio onde tu até já lá foste almoçar lá com a juventude monárquica, não foi?»

«Ah...! Sim...»

«Pois, o Camané contou-me... Mas disse-me que era segredo... Não te preocupes que eu sei que comeram todos os monges num segredo de coisas... E hoje vais comer outra vez os monges na casa dos Noronha... Dos teus primos Noronha... Também eu já lá fui com a minha juventude nos nossos tempos monárquicos... Conheci o Camané em Maputo quando vivia entre os tempos coloniais de Nampula e os tempos monárquicos da Beira... Depois “retornado da guerra” chegou cá e fez o mesmo que fez lá... Abriu o restaurante que abriu em Maputo... Fui com o pai do São Valentim, com os Dorey, com os Navarra e com os Noronha... Olha que os Noronha são teus primos diretos... Vais comer os monges, outra vez, num segredo de coisas... Vamos todos comer num segredo de coisas... Olha que a tua tia não sabe de nada... Faz de conta que não sabes de nada...»

(...)

Eram 16h06 quando o Capitão dentro da cozinha do barco olhou para o relógio e disse-me que estava na hora “de fechar para obras”, porque faltava-lhe “a chave de fendas” e “sem a chave de fendas a cozinha não podia trabalhar”.

«Então, mas onde é que está a chave de fendas, Capitão?»

«Isso queria eu saber, Audrey! É que está aqui o Jaime a pedir o lanche, mas o Jaime ainda não percebeu que sem chave de fendas temos de fechar a cozinha... Enquanto a chave de fendas não aparecer, estamos fechados para obras...»

«Ó, Capitão... Coitado do Jaime, que não tem culpa nenhuma... Ainda por cima acabou de fazer um salvamento, o nosso nadador precisa de comer... Ó, Jaime... Ninguém de nós lanchou, isto foi como da outra vez...»

«Coitado é de mim! Que perdi a minha chave de fendas... E ainda por cima era uma chave de fendas especial...»

«Onde é que deixou a chave?»

«Deixei lá na casinha dos salva-vidas... Mas desapareceu... Não sei como é que desapareceu... Parece que foi uma Mão Invisível...»

«Se calhar, foi a mesma Mão Invisível que levou da outra vez lá para as metalúrgicas...»

«Qual vez, ó Audrey?»

«Aquela vez, Capitão... Então não se lembra que a chave foi lá parar à oficina do outro?...»

«Se a chave estiver na oficina desse cabrão é bom que a Mão Invisível traga a chave de fendas e me meta aqui na casinha dos salva-vidas, senão vamos ter de fechar esta cozinha para obras amanhã à mesma hora...»

«Ó, Capitão!... Não me diga que amanhã também não vamos ter direito ao lanche...? Vamos esperar que a Mão Invisível traga a chave, pronto!... De que cor é que era a chave, Capitão?»

«Era encarnada.» (...)

Fiquei um pouco irritado, porque queria lanchar, queria a minha tosta. Percebi e não percebi o “maçonismo”. Era a terceira vez que a minha tosta, a tosta a que eu tinha direito, era negada pelo Capitão. Era aqui que o meu cérebro ficava stressado e começava a ver os jogos maçónicos ao contrário: eu sabia lá se uma maçonaria se aproveitava da informação que eu estava num filme invisível maçónico e metia “jogos maçónicos” pelo meio, só para eu pensar que faziam parte do Processo, enquanto eu ficava “ilegalmente” sem lanche? Porque era “ilegal”... Era contra as “leis do contrato”... Era esta a parte do Processo que eu nunca conseguia perceber...(...)

O tio Vasco e a tia Xica saíram mais cedo da ilha do que eu. Ficou combinado que quando chegasse à vila que iria ter com eles a um restaurante, um dos mais emblemáticos da vila. Achei piada ter visto num novo cenário a personagem da tia Xica sentada tranquilamente na mesa 66 da esplanada do restaurante abrigada por um toldo com o nome e com o logotipo do restaurante onde constava camaleónicamente o número 666, quando eu me lembrava de ter visto a tia Xica há 10 anos a dizer que não queria entrar num restaurante, porque estava a ver o número 666 no nome e logotipo do restaurante. Quando cheguei ao restaurante, fez-se uma festa que parecia “um anunciar” da minha chegada. Fizeram-me sentar e conhecer a dona do restaurante e todos os seus outros negócios.

(...)

Na conversa de negócios, não se falou em oficina nenhuma. Soube que ela e o marido tinham construído um mini império na vila, um verdadeiro monopólio de restaurantes, tanto na ilha como na vila. (...) Soube que o 4º Esquadrão e o 3º Esquadrão na Ilha dos Piratas eram do casal... (...)

Fomos para o carro e lembrei-me que o tio Vasco me tinha atendido a chamada stressadíssimo enquanto estava à procura de lugar para estacionar o carro.

(...)

«Foi uma sorte, Jaime. Deixámos o carro na casa da sorte... Vi uma oficina aberta e perguntei ao dono se podia lá deixar... Disse-lhe que pagava o que ele quisesse, que só queria era ter um sítio para deixar o carro e apanhar o ferry a tempo (...)... Disse que estava lá o meu querido sobrinho... Disse que no filme que estava a dar na Ilha dos Piratas, o meu sobrinho era o salva-vidas... E que eu não queria perder o filme por nada... E foi assim, com este filme, que eu consegui deixar a sorte na casa da sorte... Foi tudo uma questão de sorte... Porque logo a seguir, no minuto a seguir, o dono ia fechar a oficina para se ir embora... E Jaime... Eu já tinha dado 6 voltas ao quarteirão e nada... Não havia lugares... Estava tudo cheio... Não sei como é que seria o filme se não arranjassemos lugar, se não apanhássemos o ferry...»

«Seria outro filme, tio...»

(...)

Antes de entrar na oficina, olhei para cima da entrada, vi o número 66 e vi escrito “Oficina Pozzattyno Metalúrgicas, Lda.”. O mesmo apelido da pizzaria vegetariana onde tínhamos estado. Lembrava-me da lista de salva-vidas que tinha visto na casinha dos salva-vidas e na Associação da Defesa da Ilha dos Piratas em que 6 salva-vidas tinham o apelido Pozzattyno... Sabia que seriam primos ou irmãos... Vi que a oficina também fazia parte do monopólio dos Pozzattyno. (...)

Dentro da oficina parecia que estava instalado um sofisticado ambiente cinematográfico. Entrei “empurrado” pelo tio Vasco que anunciava orgulhosamente ao dono da oficina que tinha trazido o “Mestre de Obras”, que era eu. Ou era, outra vez, o Morgan Freeman, ou era, outra vez, o meu pai no papel do Morgan Freeman... Com a chave de fendas na mão abria o pneu “da minha” bicicleta. A mesma cor, a mesma marca da minha bicicleta... O puto em cima da bicicleta era “eu” com 9 anos. O alguidar verde em cima do chão, era o “nosso” alguidar, o mesmo alguidar, da mesma marca, que o meu pai usava para mergulhar as câmaras de ar dos pneus furados da minha bicicleta... A chave de fendas encarnada era a mesma que o meu pai usava para abrir os pneus e era da mesma marca que o Capitão estava à procura... (...)

«Já não vou precisar mais da chave de fendas, Raphaël. Muito obrigado.»

«Pode deixar aí...»

(...)

«Não queres levar a chave de fendas para pores o motor lá do barco da tua praia a funcionar, Jaime?»

«Obrigado, tio.»

(...)

Sáímos da oficina e íamos batendo cinematograficamente contra uma mota. O motard passou-se e elegantemente em cima da mota começou a chutar o pé no carro do lado do tio Vasco. O tio Vasco respondeu e a tia Xica passou-se com o tio Vasco, lembrando ao tio Vasco que ele não estava a jogar em casa e para que “acalmasse” os ânimos. (...)

A chegarmos a casa dos primos Noronha, o tio Vasco anunciou que íamos passar pela rotunda 666 que não estava no GPS. Logo a seguir, chegámos à Rua Moto Clube (...) e estacionámos. Apareceu o tal motard a querer armar confusão (...)

Quando o motard me viu, temperou a agressividade com o tio Vasco: «Vais chamar a bófia, ó velho do caralho? Eu aqui fumo charros com a bófia percebes as merdas? (...) A tua sorte é que o teu sobrinho é um gajo fixe e eu sigo-o, percebes? (...)». (...) Eu não faço ideia de onde é que o motard me conhece, não sei o que é que ele quis dizer com “eu sigo-o”... Pensei que me tivesse confundido com alguém e pensei que ainda bem que me confundiu.

(...)

Antes do jantar, o Lucas puxou-me para descer umas escadinhas em casa. Descemos. Vi o número 666, vi um par de cornos de rena e um corno de vaca. Vi uma bola de golf da herdade onde



tem morada a Casa da Boa Medicina e a Casa da Boa Psicologia donde eu saí no número 666 e a atravessar o campo de golf às cegas fui dar ao portal 66 da Mata dos Medos, onde fui encontrar mais um 6 dentro da caixa das abelhas... Vi um dossiê da Força Aérea que na capa dizia “Exército Jupiter”. Vi uma manada de elefantes “que cercavam” um elefante que “segurava” o planeta Jupiter (...) Perguntei ao Lucas de quem é que era o dossiê e o Lucas respondeu-me que era do pai... Eu não sabia que o primo Tomás era um piloto reformado das Tropas Especiais Secretas da Força Aérea... Perguntei se podia pegar no dossiê e o Lucas sorriu em silêncio e fez-me sinal de silêncio dizendo que “sim” com a cabeça. Quando eu peguei no dossiê vi outro dossiê por baixo, mas da Marinha que na capa dizia “Exército Jupiter”... (...) Fiquei intrigado e pensei que houvesse um exército secreto que ligava as duas forças... Pensei no dia do Diogo Bugg quando fomos ver os ursos d’água e pousou uma abelha e o Diogo tinha dito que eu tinha ganho a Força Aérea e a Marinha e que só me faltava o Exército... Afinal, parecia que havia um sentido para eu ter querido instituir como minha herdeira a Força Aérea e Marinha... Parecia haver um sentido... (...) O Lucas fez-me sinal de silêncio antes de voltarmos a subir. Falei-lhe sobre o Processo e perguntei se podia adicionar estes elementos ao Processo... (...) Cometi um erro (...)

Apareceu o Gael. De repente, apareceu o Gael. Ficámos a olhar um para o outro. Demos um forte abraço! Eu não sabia que estava a abraçar um primo direito... Supostamente, o Gael também não sabia que éramos primos. Eu não sabia mesmo. Não acreditei que ele não soubesse. Vi um teatro. Vi um teatro do princípio ao fim na Praia dos Bodyboarders. Mas deixei estar. Cumprí o absurdo silêncio. Foi absurdo! Mas enfim... Não sabia que o Lucas tinha irmãos. (...) Reivindiquei imediatamente o Stephan e a Susanne como meus primos, porque sabia que eles eram primos do Gael... E à mesa do jantar, lá desenharam comigo a parte da árvore genealógica que faltava n’O *Algoritmo do Amor*... Vi que me tinha esquecido dos Noronha da Câmara na árvore genealógica. A árvore genealógica que eu tinha feito estava com erros. Mas os erros fazem parte do meu processo. Eu não sabia que tinha tantos primos. Não sabia que um dos lobos-marinhos que aparecia sempre a surfar na Praia dos Bodyboarders era meu primo direito. Ainda por cima o Gael “fez-se a mim” no princípio das ondas... Estive na Praia dos Bodyboarders com um véu de ignorância montado. (...)

(...)

Antes de nos irmos embora, o primo Tomás perguntou-me se eu já tinha entrado no quarto do Gael. Disse que não. O primo Tomás puxou-me e fez-me o sinal de silêncio. Vi que o Gael, para além de surfista, era pintor e piloto da Força Aérea, tinha seguido as coordenadas do pai. Vi pinturas originais e vi réplicas. Vi uma réplica de um retrato de Fernando Pessoa “igual” à réplica do retrato de Fernando Pessoa que tenho no meu quarto e que me foi oferecido pelo João Francisco. Quando o João Francisco apareceu na minha casa com o retrato de Fernando Pessoa na mão para me oferecer, perguntei-lhe quem é que tinha desenhado e ele respondeu-me que tinha sido um amigo dele. “Terá sido o Gael?”, fiz a pergunta na minha cabeça. E no mesmo espaço de tempo o primo Tomás abriu uma gaveta proibida cheia de preservativos que escondiam fotografias soltas. Fez-me outra vez sinal de silêncio (...) Não queria acreditar no filme de fotografias que estava a ver (...) Agora tudo fazia sentido (...) Apetecia-me processar o Processo, porque eu pensei coisas horríveis sobre o Processo (...)

(...)

Para além dos originais, vi uma réplica do Quadro da Mulher Nua no quarto do Gael. Vi pela primeira vez o quadro num dos corredores da Casa da Boa Psicologia. Coincidentemente quando o quadro apareceu “cá” em casa, a prima Sílvia publicou, no mesmo dia, uma fotografia que tirou no corredor da casa onde estava o Quadro da Mulher Nua sem o Quadro da Mulher Nua. Foi no dia em que os golfistas apareceram no Barco do Capitão como se houvesse um secreto campo de golf na Ilha dos Piratas. Quando cheguei a casa, o anjo Daniel tinha chegado da Invicta e estava no pátio a ensinar a anja Ágatha a pegar num taco de golf... Fiquei arrependido de não ter ido logo ver a marca do taco de golf e se a bola de golf era ou não da herdade, porque tinha a certeza que era o taco ou do Albert ou do primo João, marido da prima Sílvia... Foi o que eu pensei quando vi o momento romântico dos anjos no pátio num teatro de golf... Mas eles estavam a namorar, tinha de me retirar e pensei que mais tarde pudesse ver o taco e a bola de golf, só que a bola e o taco de golf desapareceram... Só entraram no teatro de casa para ligar o teatro que foi no Barco do Capitão... (...)

Depois de ter visto o namorico dos anjos no golf maçónico, fui até ao meu quarto e de repente aparece o Quadro da Mulher Nua na parede mesmo encostado à porta do meu quarto. O Santo estava sentado no sofá e a abrir a porta do meu quarto perguntei ao Santo quem é que tinha posto o novo quadro e o Santo ficou “a olhar pela primeira vez para o quadro” e disse que nem sequer tinha reparado e que achava que o quadro tinha estado sempre ali... Abri a porta do quarto, deixei as coisas no quarto e voltei ao pátio para perguntar ao anjo Daniel se tinha sido ele que tinha trazido, porque era o único tinha estado fora de casa por uns tempos e tinha acabado de chegar de viagem... Já não havia taco nenhum... Estavam só a namorar... Claro que “vi” que os anjos guardaram o taco e a bola de golf no quarto... O pátio comunica com o quarto dos anjos e com a sala de jantar... A Little Anne estava sentada na mesa a jantar... Perguntei sobre o quadro... Ninguém sabia de quadro novo nenhum... Disseram que o quadro sempre tinha estado ali... (...)

Telefonei no dia a seguir à prima Sílvia a perguntar pelo Quadro da Mulher Nua:

«Qual quadro primo? Não sei de quadro é que estás a falar...»

«O Quadro da Mulher Nua...»

«Primo, o Quadro da Mulher Nua? Eu não sei que quadro é esse... Eu nunca tive cá em casa um quadro com uma mulher nua... Eu nem gosto desse tipo de quadros... Achas mesmo que eu ia ter um quadro desses na minha casa? Estás a fazer confusão, de certeza... Se calhar viste noutra casa e achas que viste na minha... (...) Tens alguma fotografia do quadro? Tiraste alguma fotografia ao quadro?»

«Não...»

«Pois, primo... Não tens nenhuma fotografia... Não sei de que quadro é que estás a falar...»

**Quinta-feira 26 de agosto de 2021 Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala**

Publicado pela Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) em 11 de dezembro de 2021